

Este é o meu corpo

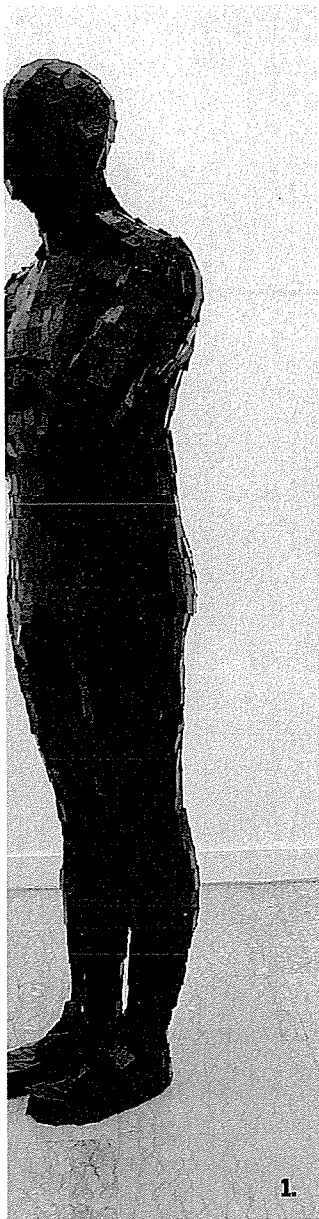
O corpo humano é o tema central da obra de **Pedro Pires**. Das mãos do artista plástico saem homens de ferro e de pólvora

Texto de **Filipa Moroso** Fotografias de **António Pedro Santos**

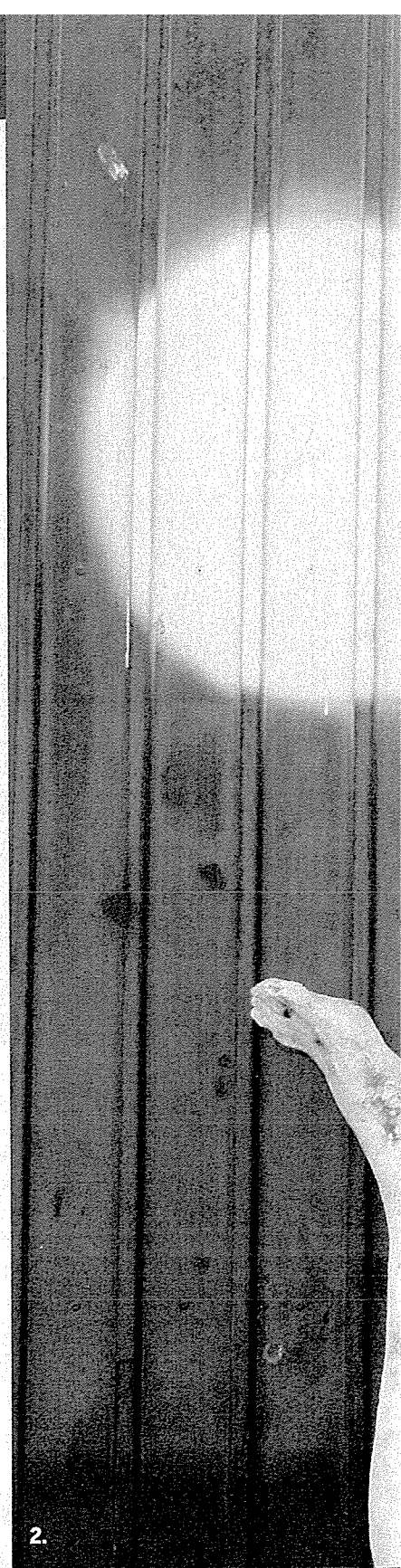
O SEU CORPO serve, literalmente, de molde às suas obras. «Porque é em mim que tudo acontece, mental e fisicamente. É da minha vivência que as peças surgem». É desta forma que Pedro Pires personifica a arte que faz. As esculturas em gesso têm a sua altura, os seus contornos, as suas medidas. São um esboço real do autor. A pele é que varia. Pode ser de ferro, resina, plástico, tijolo. Mas funciona sempre como «uma máscara ou armadura para o corpo, impedindo a comunicação entre o exterior e o interior, entre o eu e o outro». No fundo, são homens

abstractos que comunicam o pensamento do artista. «No extremo, falam da complexidade das relações humanas. A batalha entre o individual e o colectivo».

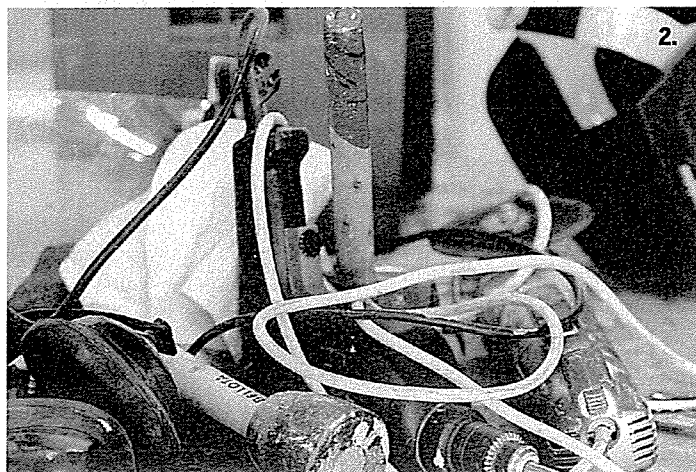
É numa garagem em Albarraque, no concelho de Sintra, que Pedro Pires desafia a imaginação a encontrar nova 'pele' para o mesmo 'corpo'. A acabar uma nova escultura de gesso, revestida por tigelas em inox – «alimento-me de mim mesmo e dos outros» –, o jovem artista plástico, de 29 anos, utiliza sempre a temática do corpo humano, seja para esculpir ou para desenhar, como é o caso da técnica da pólvora →



1.



2.



2.

1. Um dos homens de ferro de Pedro Pires
2. O artista em frente à garagem, com duas peças suas, do corpo humano, claro
3. As ferramentas com que dá forma à sua obra: o berbequim e o maço



O seu corpo serve de molde às suas obras. 'Porque é de mim que tudo acontece, mental e fisicamente, é da minha vivência que as peças surgem', diz Pedro Pires

'Uso pólvora e fogo como meios de obter formas antropomórficas'. Nascem assim os homens pólvora



queimada sobre o papel. «Nestes desenhos uso pólvora e fogo como meios de obter formas antropomórficas».

Homens pólvora

Os órgãos, como o coração ou os pulmões, são representados no papel. O trabalho é de minúcia, já que muitas vezes torna-se difícil controlar o 'rastilho'. «Embora a pólvora tenha um carácter destrutivo, nestas obras interessa-me construir formas humanas e interessa-me o aspecto accidental da construção dos desenhos, como se a matéria tivesse escolha própria no delinear da forma final».

Esta técnica, que surgiu de várias experiências caseiras – «um amigo ofereceu-me um cartucho de caça e por curiosidade ateei-o sobre o papel» – já lhe valeu alguns convites para exposições. O resultado tem surpreendido galeristas e Pedro Pires, ainda em início de carreira, já mostrou no Centro Cultural de Belém (CCB) e na FIL a sua arte anatómica.

Nascido em Angola e a viver e a trabalhar em Albarraque, Pedro licenciou-se em Escultura com especialização em Pedra na Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, em 2005. Um ano antes foi bolseiro Erasmus na Faculdade de Belas Artes em



4. Cabeça em gesso e bonecos Kinder 5. Uma das suas últimas obras

Atenas, Grécia, onde, segundo o artista, se desenvolve muito a técnica do gesso. Largou então a pedra e começou a moldar o gesso.

Em 2003, participou numa exposição colectiva dos alunos finalistas de Belas Artes no jardim da Cascata Real em Caxias. Um ano depois, seguiu-se uma mostra de escultura ao ar livre no Parque do Alto da Serafina, em Monsanto, com mais quatro colegas de curso. A escolha de Pedro recaiu numa escultura feita de tijolo a que chamou de corpo-casa. «Uma casa é um local de abrigo, de intimidade e de história. É um edifício ligado a um corpo, ao meu corpo que serviu, uma vez mais, como molde volumétrico».

Em 2006, concorreu ao Anteciparte, uma selecção da mais jovem expressão artística nacional de desenho, pintura, vídeo e escultura, em que foi escolhido juntamente com mais onze artistas. E já este ano teve lugar a sua primeira exposição

individual Desenhos de Para no Lagar do Azeite, em ras, a que se seguiu o co da Galeria Arte Periférica mostrar os seus homens d ro e de pólvora no CCB.

O homem como tema ce da sua obra tem despertad riosos e compradores. Na su cina/garagem são pouca obras finalizadas que tem amostra. Restam as muita ramentas do ofício, em desa sobre as bancadas, e as expe cias que servem como pon partida para novas ideias, as cabeças que revestiui de cos dos ovos Kinder e com c xos de balas, outras peles, corpo de uma mulher – o úu que tentou dar forma –, en ainda está a trabalhar des tempos da faculdade, «já há de cinco anos». É que aqui c de teve de sair do seu imagi de um corpo que não é sei então deve concluir-se que verso feminino é mais difí esculpir. «Quem sabe?»

filipa.moroso@